

RECENSÕES

RAYMOND CAZELLES

(1917-1985)

Foi apenas nos primeiros meses do corrente ano que a leitura do «Avant-Propos» de Françoise Autrand às actas do colóquio *Prosopographie et Genèse de l'État Moderne*¹, realizado em Outubro de 1984, me trouxe a notícia da morte de Raymond Cazelles, entretanto ocorrida. De onde, o constatar que a recensão crítica que em princípios de 1986 eu consagrara à sua última obra, *Etienne Marcel, champion de l'unité française*², era, afinal, já póstuma (e de mais de um ano). De onde, o verificar que, por «conhecido»³ que fosse dos investigadores, tal não bastara para evitar que a sua morte tivesse, até à data, passado sem referência em qualquer das principais revistas francesas⁴. Efeitos de uma relativamente plausível (e, plausivelmente, relativa) 'marginalidade' de historiador não-universitário (embora detentor do mais alto grau académico), cuja actividade profissional se repartiu pela Biblioteconomia e pela Museologia? A ser autêntica, modelar 'marginalidade'! À atenção de todos nós. Os Portugueses, como é óbvio.

Raymond Cazelles nasceu em Deuil (Val-d'Oise), a 23 de Julho de 1917. Diplomado pela École des Chartes em 1945, em 1958 tornar-se-ia «docteur ès lettres», com a tese principal *La société*

¹ Paris, École Normale Supérieure de jeunes filles, 1986, p. 7.

² Cf. *Obras...* [10]. A recensão em causa foi publicada no *Boletim da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais*, 1 (Jan.-Mar. 1986), pp. 27-32.

³ Expressão usada na recensão cit. na nota anterior.

⁴ Os dados biográficos que se seguem foram-me amavelmente transmitidos pelo Prof. Bernard Guenée.

politique et la crise de la royauté sous Philippe de Valois e a tese complementar *Lettres closes, lettres «De par le roy» de Philippe de Valois*. Profissionalmente parece ter vivido sob o signo da estabilidade, isto a avaliar pelos escassos dois lugares que deteve e pelos longos anos que em cada um deles permaneceu: logo no post-Guerra ingressou, como conservador, na biblioteca da *Cour de Cassation*, em Paris; a partir de 1965 seria conservador do Museu Condé, em Chantilly, lugar onde permaneceria até ao fim da carreira, sendo à data da morte (Janeiro de 1985) «conservateur honoraire».

E no entanto, nessa outrossim plausível tranquilidade, a edificação de uma obra que, se não particularmente extensa quanto ao número de títulos (e nas circunstâncias profissionais do autor o contrário é que seria de surpreender), apresenta contudo foros de 'pioneira' na abordagem de certos aspectos do século XIV francês. Ao lado da instituição universitária, ao lado de qualquer historiografia 'dominante', pelo menos nos anos 50, aquando da elaboração da sua tese de «doctorat»...

Que nos traz R. Cazelles?

«*Le concept de société politique a été introduit, du moins pour l'histoire de la France à la fin du Moyen Age, par (...) Raymond Cazelles*» — assim se exprimiu Philippe Contamine a seu respeito, em 1980⁵. Inovador pelo título, logo explicitado, aliás, no prefácio⁶, o livro de 1958 apresentava-se igualmente inovador pela problemática. Ao considerar a inteligibilidade das estruturas políticas como indissociável da abordagem dos indivíduos do tempo, procurando reconstituir as suas «lutas pelo poder» e saber em nome de que interesses combatiam, R. Cazelles assumia uma posição se não nova em História Institucional, pelo menos francamente pouco

⁵ Cf. «*Mécanismes du pouvoir, information, sociétés politiques: quelques remarques a propos de l'histoire politique de la France à la fin du Moyen Age*», in *L'Histoire et ses Methodes: Actes du Colloque Franco-Neerlandais, Nov. 1980, Amsterdam, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 63.*

⁶ «*(...) société politique, vocable qui ne se laisse pas facilement définir, puisque, en un certain sens, toute la société (...) peut être considérée comme société politique. Le sens retenu est plus restreint. La société politique est ici surtout représentée par les hommes qui ont accès aux conseils royaux, a la familiarité et a la confiance royales, par ceux que le souverain peut consulter et auxquels il delegue des attributions d'une certaine importance*» (Cl. Obras... [2], p. 9).

disse eu já¹³, e isto fundamentalmente pelo facto de uma arquitectura muito mais convencional, a fazer lembrar a primeira parte (que não a segunda) da sua anterior monografia. E no entanto, pelo meio dessas páginas carregadas de uma (aqui) pesada erudição de historiador maduro, a frescura, a extraordinária frescura de alguns capítulos, como o consagrado à perspectivação da actividade política em função da maior ou menor assiduidade das reuniões do conselho régio¹⁴. Livro quase de fim de vida, que anunciava ainda o que seria o formar de um 'tríptico', respeitante ao período 1300-1328, e que R. Cazelles já não veio a elaborar.

Partido da Diplomática¹⁵ e quase logo chegado à História da sociedade política, poderá R. Cazelles ser considerado um precursor do método prosopográfico? O destaque que lhe foi dado pelos organizadores do colóquio de 1984¹⁶ pareceria permitir uma resposta afirmativa. Mas, por outro lado, nenhuma das suas obras se faz acompanhar de qualquer catálogo de notícias biográficas dos indivíduos integrantes do grupo estudado. E já em 1958 R. Cazelles se demarcava dessa prática (então ainda pouco usual) nos seguintes termos: «*On ne trouvera pas, dans les pages qui suivent, une sorte de dictionnaire du personnel, mais plutôt une étude de sociologie politique (...)*»¹⁷. E evidente que se se entender a prosopografia como um simples método de *exposição* que permita concentrar a informação erudita nas notícias biográficas apendiculares à obra acabada, privilegiando no texto a interpretação qualitativa dos dados referentes ao grupo em apreço, é evidente, repito, que R. Cazelles a tal não chegou. Mas a prosopografia tem vindo a ser vista como algo mais, e se efectivamente a entendermos como um método de *elaboração*, qualquer que venha a ser a *forma* do texto *historiográfico* resultante, método centrado em «multi-biografias»¹⁸ tracadas segundo quadros sistematizados de interroga-

¹³ Cf. recensão cit. na nota (2).

¹⁴ Cf. *Obras...* [7], cap. XIV pp. 108-16.

¹⁵ Na tese complementar de «doctorat» (cf. *Obras...* [3]. A Chancelaria de Filipe VI viria ainda a ocupá-lo em 1966, num artigo-diálogo com Robert-Henri Bautier («Une chancellerie privilégiée: celle de Philippe VI de Valois», in *Bibliothèque de l'Ecole des Chartes*, CXXIV [1966], pp. 355-81).

¹⁶ Cf. nota (1).

¹⁷ Cf. *Obras...* [2], p. 8.

¹⁸ Cf. AUTRAND Françoise, *Y a-t-il une prosopographie de l'Etat Medieval?*, in *Prosopographie...*, (cf. nota (1)), p. 14.

corrente à data, particularmente no âmbito da História da Idade Média. A obra apresentava-se dividida em duas partes: uma primeira («*les crises*») estudando as diferentes conjunturas da luta pelo Poder ao longo do reinado de Filipe VI; e uma segunda («*La société politique et le pouvoir*») dando-nos um tratamento do pessoal político segundo um conjunto de interrogações hoje consideradas clássicas (origens locais, sociais e intelectuais; ofícios e carreiras; remunerações e compensações; o exercício do Poder).

Pode dizer-se que esta dimensão da História do Poder não deixou de acompanhar R. Cazelles ao longo da sua obra, mesmo que os temas *a priori* pareçam não ser estritamente políticos. Sirva-nos de exemplo a sua participação na *Nouvelle Histoire de Paris*, onde toda a segunda parte («*Les pouvoirs qui s'exercent dans Paris*») ⁷ o leva a ter sucessivamente em conta o rei e o seu palácio, a municipalidade, os poderes eclesiásticos, as relações entre estes poderes, a Universidade. Sirvam-nos também de exemplo os diversos trabalhos consagrados às tensões sociais dos meados de Trezentos ⁸, os quais irão culminar na sua obra derradeira, de 1984 ⁹. Efectivamente, *Étienne Marcel* é também, e em larga medida, uma história dos poderes na cidade e do poder da cidade no reino ¹⁰, sendo o preboste dos mercadores visto, em última análise, como o continuador da obra dos Capetos no pretender conservar a Paris o seu papel preponderante ¹¹.

Em 1982 surgira entretanto uma obra-sequência ao livro pioneiro de 1958 ¹². Este carácter sequencial era logo assumido no prefácio, quer em termos cronológicos, quer, sobretudo, em termos temáticos: «*étude des hommes de haut niveau qui ont participé aux conseils, recherche des attaches de famille, de lieu, d'état ou de sentiment qui les ont reliés, impact de ces équipes sur les engagements politiques ou sociaux (...)*». Obra com o seu quê de decepcionante,

⁷ Cf. *Obras...* [5], pp. 159 ss.

⁸ Nomeadamente o artigo «*Les mouvements révolutionnaires au milieu du XIV^e siècle et le cycle de l'action politique*», in *Revue Historique* CCXXVII (1962), pp. 279-312.

⁹ Cf. *Obras...* [10].

¹⁰ Chamei já a atenção para tal na recensão cit. na nota (2).

¹¹ Cf. *Obras...* [10], pp. 328 e 330.

¹² Cf. *Obras...* [7].

ções¹⁹, então é evidente que R. Cazelles a atingiu. As suas páginas fervilham de gente, da «carne humana» tão motivadora dos historiadores do Estado de há uns anos a esta parte²⁰.

«Chartiste», diplomata, historiador do Estado e da sociedade política, prosopógrafo... e biógrafo?

Tem esta última indagação a ver com o facto de R. Cazelles ter elaborado duas monografias no âmbito da História da sociedade política, diversos artigos e uma síntese sobre Paris nos séculos XIII-XIV (e onde, como já foi dito, transparecem as suas preocupações de historiador politólogo) e ter culminado na perspectivação de uma cidade e de um movimento (Paris, 1358) 'protagonizados' por um homem (E. Marcel). Da «multi-biografia» à «mono-biografia»? Será este o percurso dos historiadores do Estado? Tal é a questão-problema com que pretendo terminar. Questão obviamente sem resposta cabal, dado que os pioneiros deste sector da investigação foram em escasso número e o «boom» a que se tem assistido nos últimos anos abrange personalidades ainda longe da fase de carreira em que se possam esperar obras com o significado que *Etienne Marcel* teve na produção de R. Cazelles.

Mas a pergunta mantém-se, e com pertinência: vendo nós como diversos vultos da «Nouvelle Histoire» partiram da História económica e se foram dirigindo para o mental, para o político (mais concretamente para a História do Poder e das suas representações) e também para o biográfico²¹, poderemos interrogar-nos — para onde vão os expoentes deste sector da «nova» História Política? Tendo em conta que os principais avatares da História dos *servidores do Estado* num dado momento das suas carreiras produziram monografias assentes no método prosopográfico, haverá que procurar saber aonde os leva a sequência das investigações, dando como certo que ninguém passa uma vida a reincidir num método, por mais espectaculares que sejam os aperfeiçoamentos sobrevindos. A este respeito escrevia Bernard Guenée em 1986: «(...) *il me semble aujourd'hui que ces études prosopographiques ont,*

¹⁹ Cf. id., *Naissance d'un grand corps de l'Etat. Les gens du Parlement de Paris, 1345-1454*, Paris, Sorbonne, 1981, p. 13.

²⁰ Cf. id., *ibid.*, p. 11.

²¹ Sirvam-nos de exemplo G. Duby, com *Guillaume le Marechal*, e J. Le Goff, com a anunciada monografia sobre S. Luis.

au moins pour le Moyen Age, quelque chose de frustrant. Elles permettent d'atteindre des carrières, mais non pas des personnes. On sait ce que ces gens ont fait ou possède, mais non pas ce qu'ils ont espéré ou craint, aimé ou haï» ²².

Que caminho? A deslocação para uma vida singular — ou, como é para já o caso de B. Guenée, para uma curta «cadeia» de biografias «solidárias e orientadas» — referente(s) a alguém que saia do comum, alguém que, até por ter *escrito*, nos é possível conhecer naquilo que *pensou* e *sentiu*, para além do modo como se desenrolou a sua carreira? A passagem da multiplicidade para a singularidade de uma vida, a substituição da ordem *lógica* de uma ficha prosopográfica pela ordem *cronológica* de uma narrativa ²³, permitindo inclusivamente ao historiador o lento desenvolvimento do interesse ou da simpatia pelo biografado ou a projecção do seu *ego* nas vidas que narra ²⁴? O retorno da *correlação* à *causalidade*?

Perguntas precoces? Sem dúvida. Mas temos alguns indicadores para uma resposta. O facto é que vários dos autores em causa exercitaram já vocações de biógrafos. De R. Cazelles e de B. Guenée vimos atrás as circunstâncias. Jean Favier, numa obra plurifacetada, deu-nos já uma monografia sobre Filipe o Belo ²⁵, o mesmo acontecendo com o norte-americano Joseph R. Strayer ²⁶; uma monografia régia nos deu também Françoise Autrand, neste caso sobre Carlos VI ²⁷.

Insuficientes elementos? Talvez. Mas, por insuficientes que sejam, permitindo manter a interrogação: os historiadores da

²² Cf. GUENEE B., *Entre l'Eglise et l'Etat. Quatre vies de Prelats Français a la Fin du Moyen Age (XIII^e-XV^e siècle)*, Paris, Gallimard, 1987, p. 23 (o excerto transcrito consta da «Introduction», concluída em Julho de 1986).

²³ Cf. MILLET Hélène, «L'ordinateur et la biographe ou la recherche du singulier», in *Problèmes & Méthodes de la Biographie. Actes tu Colloque (Mai. 1985)*, Paris, 1985, pp. 115-27, *maxime* 124-5.

²⁴ Cf. *id.*, *ibid.*, p. 115 e GUENEE B., *o. c.*, p. 16. Sobre toda esta problemática v. entre nós, e bem recentemente, MATTOSO José, «Breves reflexões sobre o individual e o colectivo em História», in *A Escrita da História. Teoria e Métodos*, Lisboa, Estampa, 1988, pp. 57-64.

²⁵ *Philippe le Bel*, Paris, Fayard, 1978.

²⁶ *The Reign of Philip the Fair*, Princeton — New Jersey, Princeton University Press, 1980.

²⁷ *Charles VI. La folie du roi*, Paris, Tallandier, 1986.

sociedade politica tornar-se-ão *biógrafos* nalgum momento dos seus percursos?. Pergunta que um futuro próximo não deixará sem uma mais cabal resposta. Responderemos.

Outubro de 1988

Armando Luis de Carvalho Homem
(Faculdade de Letras e Centro de História
da Universidade do Porto)

OBRAS DE RAYMOND CAZELLES

- [1] *Jean l'Aveugle, comte de Luxembourg, roi de Boheme*, Paris, Tardy, 1947.
- [2] *Societe (La) politique et la crise de la royauté sous Philippe de Valois*, Paris, Librairie d'Argences, 1958.
- [3] *Lettres closes, lettres «De par le roy» de Philippe de Valois*, Paris, Librairie d'Argences, 1958.
- [4] *Histoire de l'Ile-de-France en collaboration*, Toulouse, Privat, 1971.
- [5] *Nouvelle Histoire de Paris, Paris de la fin du regne de Philippe Auguste a la mort de Charles V*, Paris, Diff. Hachette, 1972.
- [6] *Chantilly miracle des eaux*, Chantilly, Musee Condé, 1977.
- [7] *Societe politique, noblesse et couronne sous Jean le Bon et Charles V*, Genebra, Droz, 1982.
- [8] *Chantilly*, Alpina, 1983.
- [9] *Tres (Les) riches heures du duc de Berry*, Lausana, Faksimile Verlag, 1984.
- [10] *Etienne Marcel, champion de l'unité française*, Paris, Tallandier, 1984.

BAYLEY, Peter (ed.) — *Selected Sermons of the French Baroque (1600-1650)*, New York & London, Garland Publishing, Inc., 1983, XXVII + 300 p.

O investigador e docente da Universidade de Cambridge Peter Bayley é um estudioso voltado para a oratória sacra francesa do barroco em que se tornou credenciado especialista.

Autor de um reputado trabalho — *French Pulpit Oratory 1598-1650*, editado na Inglaterra em 1980, a partir da sua tese de doutoramento —, pretendeu com a presente antologia, datada de 1983, ilustrar, através da publicação integral de um conjunto de sermões, o que havia sido objecto de detida análise nessa obra anterior. Trata-se, pois, de natural complemento exemplificativo da estrutura formal e da explanação temática de peças concionatórias atinentes a uma idade fascinante e controversa e a um país latino de maioria católica. Daqui resulta revestir-se esta iniciativa de um duplo mérito: coloca ao alcance dos leitores interessados textos hoje de difícil consulta e permite seguir e cotejar escritos parenéticos estilística e doutrinariamente representativos, apesar do subjectivismo da escolha, dentro do contexto histórico em que surgiram. Com efeito, pertencentes à primeira metade do século XVII — a segunda foi dominada pelas figuras ímpares de Bossuet, Fénelon e Bourdaloue — restringem-se a sete, em área tão vasta e desigual, os oradores seleccionados, apresentando o bispo de Belley e amigo de S. Francisco de Sales, Jean-Pierre Camus (1584-1652), e o «toulousino» e precursor dos pregadores do reinado de Luís XIV, Étienne Molinier (?-1647), dois sermões cada, num total de nove espécimes. Os restantes oradores abrangidos são os protestantes: Moise Amyraut (1596-1664), Jean Daillé (1594-1670) e Pierre da Moulin (1568-1658), bem como o bispo católico de Sées, Jean Bertaut (1552-1611), e o jesuíta Gaspar de Seguiran (1569-1644). Ressalta de imediato a possibilidade de um pertinente paralelo entre o teor do discurso parenético católico e calvinista. E, como adverte Bayley, os mesmos diferem principalmente na sua organização formal, conservando aquele algo de técnica medieval do *tema e pró-tema*, com a partição do assunto e a peroração, enquanto este assemelha-se mais à lição universitária de um texto bíblico, a principiar pela exposição do contexto e pelo comentário da passagem escolhida, sem deixar sempre de sublinhar o aspecto controverso do mesmo, face à interpretação do magistério romano, rematando com uma exortação final. A convergência, porém, destes sermões de uma e outra confissão religiosa — aspecto a despertar o interesse do estudioso da literatura de seiscentos — encontrar-se-á na sua relação e enquadramento, como natural metatexto, na produção poética e dramática coeva. Assim situada esta parénese, já se descortina em que irá consistir a mudança, menos por certo, nos conceitos e no imaginário, experimentada pela que se lhe seguiu. A nota prefacial, cuidadosamente elaborada, embora sintética, constitui, por isso, muito útil préstimo para o leitor dado os aspectos que foca, em particular, os das fontes a que recorriam os pregadores do barroco para a esquematização e desenvolvimento do assunto, a saber, os atinentes a exemplos, lugares comuns, citações escriturísticas, patrísticas e clássicas.

O critério perfilhado na escolha das peças oratórias privilegia o próprio dos santos e do tempo litúrgico, o comentário de passos significativos de livros bíblicos e a reflexão moral e ascética. Surpreende, no entanto, que não esteja incluída nenhuma oração fúnebre, em amostra certamente de pendor paradigmático. Inseridas ainda na nota prefacial, há oportunas informações biográficas e breves

análises sobre a tessitura retórica dos tralados completos dos sermões apresentados. Aliás, neste particular, é indispensável a leitura do acima citado trabalho do autor. Mas, para um enquadramento mais vasto revela-se também proveitoso conhecer o magistral estudo de Marc Fumaroli (*L'Âge de l'éloquence. Rhétorique et «res literaria» de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Droz, Genève, 1980) e a recensão ao mesmo de Jacques Le Brun («Note Critique. La Rhétorique dans l'Europe Moderne», in *Annales*, 3 (1982), Paris, pp. 481-488). Sendo o sermão no período barroco o mais relevante *mass-media*, o contexto sócio-histórico da pregação possibilita o leitor a aperceber-se de como ela se inseria no ambiente sacro-profano da época e avaliar a influência que exercia sobre os ouvintes — não se ficando, aliás, pela mera edificação devocional ou instrução doutrinária —, pois movia-os não raras vezes para comprometimentos cívicos imediatos. Igualmente de assinalar a relevância da fruição estética numa idade marcada pelo domínio do sensorial. A ênfase e o empolamento verbal, concomitante com a exteriorização gestual, a porfiada busca de subtilezas e jogos mentais através da metáfora, da analogia e do recurso antitético proporcionam os vectores formais que estruturavam o discurso em sua face cultista e conceptista. Daí estes textos deverem ser tomados como expressões literários exemplificativas da retórica do púlpito e, ao mesmo tempo, instrumentos apologeticos destinados a captar a adesão dos ouvintes.

Bem andaram, por conseguinte, Peter Bayley, em lançar ombros a esta tarefa de organizar uma tão criteriosa e útil antologia, e o editor pelo arrojo que hoje representa, por onerosa e de compensação incerta, a publicação de semelhante «literatura». Nunca portanto será demais sublinhar o alcance cultural desta iniciativa como um serviço prestado a quantos se dedicam ao conhecimento do universo mental e religioso da era seiscentista. A competência, o rigor científico, a sólida erudição e o sentido didáctico do autor deste repositório antológico encontram-se bem patentes na oportuna, indispensável e sóbria anotação dos sermões selectos — aspecto que não deve passar sem o merecido encarecimento. Em suma: o presente volume é, por tudo, um exemplo a seguir em edições futuras de textos deste género.

João Francisco Marques

ENTRADAS

- «Acta Medievalia» — 1986-87 (7-8)
- «Humanística e Teologia» — 1987 (1, 2, 3), 1988 (1, 2)
- «Beira Alta» — 1987 (3-4)
- «Boletim Cultural-Esposende — 1987 (11-12)
- «Boletim do Arquivo da Univ. de Coimbra» — 1987 (9)
- «Estudios Mindonienses» — 1987
- «Revista de Estudios Extremeños» — 1987 (2, 3), 1988 (1, 2)
- «Trabajos de Pre-História» — 1987 (44)
- «Africana» — 1987 (1); 2, 3

FABREGAS VALCARCE, Ramon — *Aproximaciones a la cultura material del megalitismo gallego: la industria litica pulimentada y el material ceramico.*

MEIJUDE CAMESELLE, Gonzalo — *Las espadas del bronce final en la Peninsula Iberica. Antiguedad y cristianismo: Monografias historicas sobre la Antiguedad Tardia.*

RIPOLLES ALEGRE, Pere Pau — *Sinopsis de epigrafia latina castellanense.*

SALGADO, Anastásia Mestrinho — *O culto de NOSSA SENHORA DE BROTAS e a respectiva igreja.*

PEREIRA, Maria Helena da Rocha — *Vida de S. Teotónio.*